

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
“EU BIOGRÁFICO” OU “EU FICCIONAL”?
– A INCONSTÂNCIA ENTRE O REAL E A FICÇÃO
NAS REDES SOCIAIS

Patrícia Peres Ferreira Nicolini (UENF)

patricianicolini@saocamilo-es.br

Clesiane Bindaco Benevenuti (UENF)

clesiane@gmail.com

Analice de Oliveira Martins (IFF/UENF)

analice.martins@terra.com.br

RESUMO

Este trabalho discute parte do objeto de estudo da universitária holandesa de Design Gráfico Zilla van den Born, 26 anos, que, em 2014, simulou uma viagem de férias de 42 dias para a Tailândia, convencendo parentes e amigos da veracidade da viagem postando fotos alteradas por Photoshop em um “Diário” criado em seu *Facebook*. O objetivo de Zilla era colher dados para seu trabalho de conclusão de curso e abrir uma discussão sobre a autenticidade da vida reproduzida nas redes sociais. A vida reproduzida nas redes sociais não é, necessariamente, um relato autêntico de um “eu” real, o que seria então? Uma realidade fabricada pelo relato social? Zilla defende que a realidade pode ser alterada, dessa forma, a situação social ficcionada seria uma falácia. No entanto, quando analisadas as relações sociais, percebe-se que o espaço *web* é um espaço social de interação legítimo, no qual um “eu biográfico”, diante da sociedade, torna-se um ator social pronto para protagonizar diferentes escritas do “eu” dependendo da necessidade de convencimento e aceitação do “outro”. Dessa forma, as redes sociais também são palcos para essa atuação, permitindo a ficcionalização do real dependendo do papel social protagonizado por esse “eu”. Sendo assim, no espaço *web*, a quem caberia julgar o que é real ou ficção? Logo, o objetivo deste artigo é refletir sobre essas escritas do “eu” feitas por Zilla nas redes sociais, analisando a inconsistência da relação entre o real e a ficção. Para tal, embasa-se nos estudos de Philippe Lejeune, Paula Sibília e Denise Schittine.

Palavras-chave: Escritas do eu. Espaço *web*. Ficção. Realidade.

1. Introdução

Em 2014, a estudante universitária Zilla van den Born foi notícia em vários sites e canais de televisão em todo mundo, quando divulgou vídeos, fotos e postagens relatando uma experiência realizada por ela nas redes sociais em uma página na *Vimeo*. Na época, Zilla estava concluindo o curso de design gráfico em Amsterdã, Holanda, onde mora e atualmente administra sua própria empresa de design gráfico. Em seu trabalho de conclusão de curso (TCC), Zilla queria discutir a tese de que nem tudo

o que vemos no *Facebook* é verdadeiro e a realidade pode ser manipulada.

Para validar essa ideia, a universitária passou quarenta e dois dias isolada em seu apartamento, montou cenários em seu estúdio fotográfico e usando as melhores ferramentas do Photoshop criou imagens perfeitas de férias na Tailândia, Sudeste da Ásia. As montagens eram tão críveis que a família e os amigos de Zilla acreditaram piamente que ela estava na Tailândia passando férias. Além das postagens no *Facebook*, a estudante criou um cenário simulando o interior do hotel em que supostamente estaria hospedada para conversar com parentes e amigos pelo *Skype*.

Todo o processo foi documentado em vídeo. Desde sua encenação ao se despedir dos pais no aeroporto, seu clandestino regresso para seu apartamento em Amsterdã, suas saídas para comprar comida tailandesa e seus momentos no estúdio em que criava situações ficcionalizadas. As criações de Zilla foram muito ousadas, ela produziu montagens em que se encontrava em lugares paradisíacos do país asiático.

Para alcançar esse efeito de realidade, além das ferramentas do Photoshop, Zilla se valeu de muito talento e criatividade. Por exemplo, buscou recriar cenários tipicamente asiáticos com os recursos que tinha em seu apartamento e na cidade de Amsterdã, como a visita que fez a um templo budista na qual tirou fotos com os monges.



Fonte: <http://www.hypeness.com.br/2014/09/holandesa-simula-viagem-de-ferias-para-mostrar-como-e-possivel-manipular-as-redes-sociais>. Acesso em: 10-01-2016).

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

Para simular um mergulho no fundo do mar asiático, Zilla foi até a piscina do clube, tirou as fotos e depois colocou os peixinhos com o auxílio do Photoshop. Bastou escrever um texto e publicá-lo com as fotos no *Facebook* para que em segundos uma enxurrada de curtidas e comentários entusiasmados da família e dos amigos inundassem suas postagens. Parecia realmente que ela estava na Tailândia.

Original:



Editada:



Fonte: <http://www.hypeness.com.br/2014/09/holandesa-simula-viagem-de-ferias-para-mostrar-como-e-possivel-manipular-as-redes-sociais>. Acesso em: 10-01-2016.

Em entrevista para o site *BuzzFeed*, a jovem disse que o objetivo dessa experiência é “provar como é fácil a realidade ser distorcida e mostrar às pessoas que podemos filtrar e manipular o que mostramos nas redes sociais”. “Todos sabem que as fotografias de modelos são manipuladas, mas muitas vezes queremos ignorar o fato de que também manipulamos a realidade nas nossas vidas”, conclui Zilla.

Logo, a vida reproduzida nas redes sociais não é, necessariamente, um relato autêntico da vida real. Essa inconstância entre a realidade e a ficção presentes nas redes sociais permite discussões pertinentes sobre a fronteira tênue que separa um “eu biográfico” de um “eu ficcional” quando observar-se, separadamente, o plano da emissão e o plano da recepção de um relato social.

2. Inconstância entre o real e a ficção nas redes sociais

Antes do advento da internet e da criação das redes sociais, o processo de interação e comunicação entre as pessoas era geralmente pessoal e efetivo. As relações comunicativas eram quase sempre presenciais, como as interações com membros familiares, no ambiente profissional e no ambiente pessoal. Mesmo quando o processo de comunicação se dava por intermédio do telefone ou de carta, havia um interlocutor esperado e muitas vezes um interlocutor conhecido.

Atualmente, o espaço *web* proporciona um processo de interação e comunicação virtual que aumentou exageradamente o número de interlocutores que um sujeito pode ter ao longo da vida. Agora, esse interlocutor pode estar em qualquer lugar do planeta que o processo de comunicação acontecerá em tempo real ou um locutor pode ter inúmeros locutários simultaneamente sem haver nenhum contato efetivo.

O interlocutor do espaço *web* tem a perigosa certeza de que pode tudo ver sem ser visto e que pode tudo dizer e fazer sem ser descoberto. A pesquisadora Denise Schittine postula em sua pesquisa que esse espaço virtual constitui um novo palco de atuação social no qual o sujeito além de atuar, possui ferramentas eficazes para ficcionalizar a própria realidade:

Quando alguém se senta em frente à tela do computador desdobra a sua realidade em duas: aquela na qual está inserido e a que irá criar para além da tela. Elas podem depender uma da outra, mas também podem estar totalmente separadas. É o momento em que o indivíduo se desdobra, que pode estar em dois locais ao mesmo tempo. (SCHITTINE, 2004, p. 34 e 35)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Nesse novo palco de atuação social, esse “eu” protagoniza diferentes papéis sociais dependendo da necessidade e da intenção comunicativa com o “outro”, a diferença do espaço *web* com os outros palcos de atuação, são as ferramentas tecnológicas que permitem a ficcionalização do real com maior excelência, a vida literalmente pode parecer um filme. Nessa interlocução, a fronteira entre o real e a ficção se torna tênue, pois se considerarmos no processo de comunicação o plano da recepção, quem narra o relato nas redes sociais pode ser um “eu biográfico”. Se considerarmos no mesmo processo o plano da emissão, quem narra o relato social pode ser um “eu ficcional”.

Philippe Lejeune (2008) postula que o “eu biográfico”, ou melhor, a autobiografia é definida pela identidade nominal entre autor, narrador e personagem. Analisando as fotos e as postagens escritas e publicadas por Zilla em seu *Facebook*, percebe-se que seus leitores julgaram que há uma identidade entre o autor, narrador e personagem desse relato social, a postagem foi aceita como um relato real feito pela jovem sobre suas férias na Tailândia, ou seja, o receptor dessa interlocução aceita e reconhece o relato como se fosse autêntico. Para Lejeune, cabe ao leitor reconhecer essa identidade e julgar o relato crível ou não.



Fonte: <http://www.hypeness.com.br/2014/09/holandesa-simula-viagem-de-ferias-para-mostrar-como-e-possivel-manipular-as-redes-sociais>. Acesso em: 10-01-2016.

Na leitura das fotos, os interlocutores perceberam que há uma “narrativa retrospectiva que uma pessoa real faz de sua própria existên-

cia, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 15). Zilla captura em uma imagem sua visita a ruínas de um templo no Sudeste da Ásia. A foto para os leitores de Zilla parece crível justamente por haver essa identidade entre os três elementos defendidos por Philippe Lejeune. Ratificando essa ideia com os estudos de Paula Sibilia, que diz: “o eu que fala e se mostra incansavelmente na *web* costuma ser tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem”. (SIBILIA, 2008, p. 31)

No entanto, Paula Sibilia também postula em sua pesquisa que o fato de ser esse “eu” também autor em um espaço *web*, ele construirá essa realidade utilizando a linguagem que já é uma representação do real. Sendo assim, a foto postada por Zilla “não deixa de ser ficção; pois, apesar de sua contundente autoevidência, é sempre frágil o estatuto do eu”. (SIBILIA, 2008, p. 31)

Portanto, quando o processo de comunicação é analisado pelo plano do emissor, percebe-se a fragilidade do estatuto do “eu”. Há uma intenção e uma necessidade comunicativa desse “eu”, além de uma memória afetiva que deve ser levada em conta, a subjetividade do emissor pode fabricar diferentes realidades sem necessariamente torná-las mesmo críveis. Conforme Sibilia,

É uma ficção necessária, pois somos feitos desses relatos: eles são a matéria que nos constituiu enquanto sujeitos. A linguagem nos dá consistência e relevos próprios, pessoais, singulares, e a substância que resulta desse cruzamento de narrativas se (auto) denomina eu. (SIBILIA, 2008, p. 31)

Analisando a mesma foto postada por Zilla levando em consideração o plano do emissor, é clara a ficcionalização do “eu”. O Photoshop proporcionou estratégias para ancorar o real e proporcionar a verossimilhança, a construção do universo ficcional ficou muito próxima do real tanto que nenhum leitor do *Facebook* de Zilla duvidou dele. Contudo, é preciso ressaltar que mesmo nessa realidade fabricada havia uma intenção comunicativa e foi para atender aos objetivos dessa intenção e o papel social protagonizado por esse “eu” que foram articuladas estratégias de ancoragem do real.

Enquanto a ficção utiliza estratégias para tornar a obra inegavelmente real, a vida que é relatada na *web* busca o caminho inverso, ficcionaliza o real. Dessa forma, a sensação de que tudo é ficção é inevitável. Paula Sibilia postula que

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

[...] hoje os canais midiáticos sem pretensões artísticas se tornam mais e mais atravessados pelos imperativos do real, com uma proliferação de narrativas e imagens que retratam “a vida como ela é” em todos os circuitos da comunicação. Enquanto isso, a própria vida tende a se ficcionalizar recorrendo aos códigos midiáticos, especialmente aos recursos dramáticos da mídia audiovisual, nos quais fomos persistentemente alfabetizados ao longo das últimas décadas. E as artes também refletem e participam desses paradoxos. (SIBILIA, 2008, p. 196)



Fonte: <http://www.hypeness.com.br/2014/09/holandesa-simula-viagem-de-ferias-para-mostrar-como-e-possivel-manipular-as-redes-sociais>. Acesso em: 10-01-2016

A pesquisa de Zilla van den Born permite a reflexão da frágil fronteira entre a ficção e o real em escritas do “eu” postadas nas redes sociais. Os conceitos mudam conforme o prisma da análise dos interlocutores, do papel social protagonizado por eles e suas intenções comunicativas.

3. *Considerações finais*

Zilla van den Born discute em seu trabalho de conclusão de curso que a vida reproduzida nas redes sociais não é, necessariamente, um relato autêntico da vida real e que a realidade nas redes sociais pode ser fabricada, ficcionalizada. Mas qual realidade que não é fabricada? Em ver-

dade, toda reprodução do real de certa forma é ficcional, uma vez que o “eu” que produz um relato de sua própria existência, utiliza a linguagem e nela cabe toda a subjetividade desse “eu”, assim como todos os seus afetos, memórias, desejos, intenções comunicativas e necessidades de atuação. O espaço *web* é apenas mais um palco para essa atuação social, na qual a “visão do real” do emissor do relato é diferente da “visão” do receptor desse relato, uma vez que o “eu” e o “outro” são seres subjetivos que atuam conforme suas necessidades, desejo e funções sociais.

Na perspectiva dos leitores (receptores) das postagens de Zilla, o relato social foi realizado por um “eu-biográfico”, pois julgaram que havia identidade entre o autor, o narrador e a personagem que narrava fatos de sua própria existência. Contudo, pela perspectiva de Zilla (emissora), o relato social foi realizado por um “eu-ficcional” que fabrica a realidade, ficcionalizando situações em que estaria em férias na Tailândia (Ásia) para atender uma necessidade, um propósito, um desejo, uma exigência cobrada nas interações entre os seres sociais.

No espaço *web*, o real e a ficção são inconstantes, a semelhança se confunde com a identidade, a ficção se mistura com o real. Tudo é relativo, somos sujeitos históricos constituídos pela linguagem, somos invenções e ao mesmo tempo realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORN, Zilla van den. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/z.vandenborn?ref=ts&fref=ts>>. Acesso em: 10-01-2016.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

SCHITTINE, Denise. *Blog*: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SIBILIA, Paula. *O show do eu*: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.